

## **Os jardins zoológicos humanos.**

**Nicolas Bancel, Pascal Blanchard, Sandrine Lemaire** (agosto 1, 2000)

Os zoológicos humanos, exposições etnológicas ou aldeias negras continuam sendo assuntos complexos a serem abordados por países que exaltam a igualdade de todos os seres humanos. De fato, esses “zoos”, nos quais indivíduos “exóticos” misturados a animais selvagens eram mostrados atrás das grades ou em recintos delimitados a um público ávido de distração, constituem a prova mais evidente da defasagem que existe entre o discurso e a prática no tempo da construção dos impérios coloniais.

“Canibais australianos, machos e fêmeas. A única colônia desta raça selvagem, estranha, desfigurada e a mais brutal nunca antes capturada das regiões selvagens em todos os tempos. A ordem mais baixa da humanidade.”<sup>1</sup>

### **“Exibições etnológicas”**

A idéia de promover um espetáculo zoológico pondo em cena populações exóticas aparece paralelamente em vários países europeus ao longo da década de 70 do século passado. Inicialmente, na Alemanha, onde em 1874 Karl Hagenbeck, vendedor de animais selvagens e futuro promotor dos principais zoos europeus, decide apresentar, aos visitantes, ávidos de “sensações”, nativos de Samoa e da Lapônia como populações “genuinamente naturais”. O sucesso dessas primeiras exibições o conduz, a partir de 1876, a enviar um de seus colaboradores ao Sudão egípcio, a fim de trazer animais bem como nubianos, para renovar a “atração”. Esses últimos tiveram sucesso imediato em toda a Europa, sendo apresentados sucessivamente em diversas capitais como Paris, Londres e Berlim. Tal sucesso influenciou, sem dúvida alguma, Geoffroy de Saint-Hilaire, diretor do Jardim de Aclimação, que procurava atrações capazes de reverter a situação financeira delicada em que se encontrava seu estabelecimento. Ele decide então, em 1877, organizar dois “espetáculos etnológicos”, apresentando os nubianos e esquimós aos parisienses. O sucesso foi fulminante. A freqüência ao Jardim dobrou e alcançou, naquele ano, milhões de ingressos pagantes? Os parisienses acorreram para descobrir o que a grande imprensa qualificava de “grupo de animais exóticos, acompanhados por indivíduos não menos singulares”. Entre 1877 e 1912 foram montadas com sucesso no Jardim Zoológico de Aclimação, em Paris, cerca de trinta “exibições etnológicas” desse tipo.

Vários outros lugares iriam rapidamente apresentar os mesmos “espetáculos” ou adaptá-los para fins políticos, a exemplo das exposições universais parisienses de 1878 e de 1889 (com a torre Eiffel, como “atração máxima”), que tinham como principais atrações uma “aldeia negra” e 400 figurantes “indígenas”; a de 1900, com seus 50 milhões de visitantes, além do famoso diorama<sup>2</sup> “vivo” de Madagascar; e

---

<sup>1</sup> Plakate, 1880-1914, Historisches Museum, Frankfurt.

<sup>2</sup> [2] N.T.: Trata-se de uma tela panorâmica, sem bordas que, projetada em sala escura, produz a ilusão de movimento, graças ao efeito do jogo de luzes. O primeiro diorama foi instalado em Paris em 1922 por Daguerre e Bouton. Cf. Petit Larousse en Couleurs. Paris: Librairie Larousse, 1972, p. 281.

ainda, mais tarde, as exposições coloniais de Marselha, em 1906 e 1922, e também as de Paris, em 1907 e 1931.

### **Uma reconstituição “autêntica”**

Estabelecimentos passam a se especializar no “lúdico”, como as representações programadas no Campo de Marte, na boate Folies-Bergères ou na Cidade Mágica, e na reconstituição colonial, como, por exemplo a da derrota dos daomeanos<sup>3</sup>, liderados por seu último rei, Behanzin, para o exército francês, no teatro da Porte Saint-Martin...

Para atender a uma demanda mais “comercial” e ao apelo do interior do país, as feiras e as exposições regionais tornaram-se, bem depressa, os principais lugares de promoção dessas exibições. É nesta dinâmica que são estruturadas, muito rapidamente, as “turnês” itinerantes — passando de exposição a feira regional —, e se popularizam as célebres “aldeias negros” (ou “aldeias senegalesas”), como por ocasião da exposição de Lyon em 1894. Não há uma só cidade, uma exposição ou um francês que não tenha descoberto, numa tarde ensolarada, uma reconstituição “autêntica” desses ambientes selvagens, povoados de homens e de animais exóticos, entre uma exposição agrícola, a missa dominical e o passeio no lago.

### **O discurso das “raças inferiores”**

São milhões de franceses que vão, de 1877 ao início dos anos 30, ao encontro do Outro. Um “outro” levado à cena na gaiola. Quer seja um povo “estranho”, vindo dos quatro cantos do mundo, ou indígenas do império, trata-se, para a maioria dos metropolitanos, do primeiro contato com a alteridade. É grande o impacto social desses espetáculos para a construção da imagem do Outro. Principalmente porque eles são combinados com uma propaganda colonial onipresente (pela imagem e pelo texto) que impregna profundamente o imaginário dos franceses. No entanto, esses zoos humanos ficaram ausentes da memória coletiva.

O aparecimento, depois o impulso e o entusiasmo pelos zoos humanos, resulta da articulação de três fenômenos concomitantes: inicialmente, a construção de um imaginário social sobre o Outro (colonizado ou não); em seguida, a teorização científica da “hierarquia das raças”, na esteira dos avanços da antropologia física; e, enfim, a edificação de um império colonial, então em plena construção. Bem antes da grande expansão colonial da Terceira República dos anos 1870-1910, que termina com o traçado definitivo das fronteiras do império ultramarino, manifesta-se, na metrópole, uma paixão pelo exotismo, ao mesmo tempo que se constrói — na fronteira de várias ciências — um discurso sobre as “raças” ditas inferiores. Logicamente, a construção da identidade de toda civilização dá-se sempre sobre as representações do outro, permitindo — como num espelho — elaborar uma auto-representação e se situar no mundo.

---

<sup>3</sup> N.T.: Os daomeanos eram, até 1975, os habitantes de Daomé, hoje República Popular do Benin. Béhanzin foi seu último rei, tendo governado entre 1889 e 1893, quando foi aprisionado e derrotado pelos franceses.

## A mecânica colonial da inferiorização

No que diz respeito ao Ocidente, as primeiras manifestações são encontradas na Antiguidade (a categorização do “bárbaro”, do “meteco”<sup>4</sup> e do cidadão), retomadas pela Europa do tempo das Cruzadas e, depois, por ocasião da primeira fase de explorações e conquistas coloniais nos séculos XVI e XVII. Mas até o século XIX essas representações da alteridade não passaram de incidências, não necessariamente negativas, não parecendo ter penetrado profundamente no corpo social.

Com os impérios coloniais consolidados, o poder das representações do outro impõe-se num contexto político muito diferente e num movimento de expansão histórica de amplitude inédita. A questão fundamental continua sendo a colonização porque ela impõe a necessidade de dominar o outro, de domesticá-lo e, portanto, de representá-lo.

As imagens ambivalentes do “selvagem”, marcadas por uma alteridade negativa mas também pelas reminiscências do mito do “bom selvagem” de Rousseau, são substituídas por uma visão claramente estigmatizante das populações “exóticas”. A mecânica colonial de inferiorização do indígena pela imagem é então acionada e, nessa conquista dos imaginários europeus, os zoos humanos constituem, sem dúvida alguma, a engrenagem mais viciada da construção dos preconceitos sobre as populações colonizadas. A prova está lá, para todos verem: trata-se de selvagens, vivendo e pensando como selvagens. A ironia da história é que esses bandos de indígenas que atravessavam a Europa (e mesmo o Atlântico), ficavam muitas vezes de 10 a 15 anos fora de seus países de origem e aceitavam a encenação? desde que remunerados. Não é outro o cenário da selvageria instalada no zoo pelos organizadores dessas exibições: ao final do século: o selvagem reivindica um salário!<sup>5</sup>

## A estigmatização da selvageria

Paralelamente, um racismo popular instala-se na grande imprensa e na opinião pública, como pano de fundo da conquista colonial. Todos os grandes meios de comunicação, dos jornais ilustrados mais populares — como Le Petit Parisien ou Le Petit Journal — às publicações de caráter “científico” — La Nature ou La Science amusante —, passando por revistas de viagens e de exploração — como Le Tour du Monde e o Journal des Voyages —, apresentam as populações exóticas — e muito particularmente as submetidas à conquista colonial — como vestígios dos primeiros estágios da humanidade.

---

<sup>4</sup> Palavra que designava em Atenas o estrangeiro residindo na cidade. Hoje, de sentido pejorativo, é utilizada para designar o estrangeiro vivendo em um país. (NT)

<sup>5</sup> Nem todos os grupos “importados” dispunham de um mesmo e único status. Os “fueguinos”, por exemplo, habitantes da Terra do Fogo, situada no extremo Sul do continente sul-americano, parecem ter sido “transportados” como espécimes de zoológico propriamente ditos; enquanto, os “gaúchos”, espécie de artistas contratados, tinham plena consciência da máscara que vestiam em cena para os visitantes.

O vocabulário de estigmatização da selvageria — bestialidade, gosto de sangue, fetichismo obscurantista, estupidez atávica — é reforçado por uma produção iconográfica de uma violência inaudita, propagando a idéia de uma subhumanidade estagnante, humanidade dos confins coloniais, na fronteira da humanidade e da animalidade.<sup>6</sup>

### **“Raças superiores” e “raças inferiores”**

Simultaneamente, a inferiorização dos “exóticos” é consolidada pela tripla articulação do positivismo, do evolucionismo e do racismo. Os membros da Sociedade de Antropologia — criada em 1859, mesma data que o Jardim da Aclimação de Paris — estiveram por várias vezes nessas exibições de grande público, com o objetivo de realizar suas pesquisas voltadas para a antropologia física. Esta ciência, obcecada pelas diferenças entre os povos e o estabelecimento de hierarquias, dava à noção de “raça” um caráter predominante nos esquemas de explicação da diversidade humana. Através dos zoos humanos, assiste-se ao desenvolvimento da construção de uma classificação das “raças” humanas e da elaboração de uma escala unilínea, que permite hierarquizá-las de cima a baixo na escala evolucionista.

O conde de Gobineau, por exemplo, com sua obra *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-1855), estabeleceu a desigualdade original das raças, criando a “beleza das formas, da força física e da inteligência”, e consagrando assim as noções de “raças superiores” e “raças inferiores”. Como muitos outros, postula a superioridade original da “raça branca”, que detém, segundo ele, o monopólio desses três elementos e serve de norma, permitindo classificar o negro num estado de inferioridade irremediável, no degrau mais baixo da escala da humanidade, e as outras “raças” como intermediárias.

### **Os pensadores da desigualdade**

Essa classificação encontra-se nas programações parisienses dos zoos humanos, condicionando grandemente a ideologia subjacente desses espetáculos. Quando, por exemplo, os cossacos foram convidados ao Jardim Zoológico da Aclimação, a embaixada da Rússia insistiu para que eles não fossem confundidos com os “negros” vindos da África. Do mesmo modo, quando Buffalo Bill chegou com sua trupe encontrou seu lugar no Jardim, contando com a presença de “índios” em seu espetáculo! Finalmente, os liliputianos foram, sem nenhum problema, apresentados ao público, segundo a mesma terminologia da diferença, da monstruosidade e da bestialidade aplicada às populações exóticas!

O darwinismo social, vulgarizado e reinterpretado na virada do século por Gustave Le Bon e Vacher de Lapouge, encontra sua tradução visual de distinção entre “raças primitivas” e “raças civilizadas” nessas exibições de caráter etnológico. Esses pensadores da desigualdade descobrem, por meio dos zoos humanos, um laboratório fabuloso de espécimens até então inimagináveis na metrópole.

---

<sup>6</sup> Ler, de Nicolas Bancel, Pascal Blanchard e Laurent Gervereau, *Images et Colonies*, ed. Achac-BDIC, Paris, 1993.

Tanto a antropologia física como a emergente antropometria — na época, uma gramática dos “caracteres somáticos” dos grupos sociais, sistematizados desde 1867 pela Sociedade de Antropologia com a criação de um laboratório de craniometria, e depois a frenologia — legitimam a continuidade dessas exibições. Incitam os cientistas a manterem ativamente as programações por três razões pragmáticas: a disponibilidade de um “material” humano excepcional (variedade, número e renovação dos espécimes?); o interesse do grande público por suas pesquisas, e portanto a possibilidade de promover seus trabalhos na grande imprensa; e finalmente, a demonstração mais comprobatória da procedência dos enunciados racistas pela presença física dos “selvagens”.

### **Liliputianos, corcundas e macrocéfalos**

Ora, nesta percepção linear da evolução sociocultural e proximidade ao mundo animal, as civilizações não européias são, evidentemente, consideradas como atrasadas, mas passíveis de serem civilizadas, portanto, colonizáveis. Fecho-se o círculo. A coerência dos espetáculos torna-se uma evidência científica, ao mesmo tempo que uma perfeita demonstração das teorias nascentes sobre a hierarquia das raças e uma perfeita ilustração *in situ* da missão civilizadora ultramarina. Cientistas, membros do lobby colonial e organizadores de espetáculos, todos tiram proveito.

A aplicação dos fundamentos antropológicos “darwinianos” da ciência política, celebrizada e popularizada por essas exibições, vai muito rapidamente influenciar as ciências irmãs e o projeto “eugenista” de Georges Vacher de Lapouge, que consistia na melhoria das qualidades hereditárias, desta ou daquela população, por meio de uma seleção sistemática e voluntária. Muito significativamente, as exibições de “monstros” (anões ou liliputianos no Jardim Zoológico da Aclimação, em 1909; corcundas ou gigantes nos inúmeros parques de diversão itinerantes; macrocéfalos ou “negros” albinos em Paris, em 1902) conhecem, na virada do século, um grande sucesso, acompanhando e interpenetrando o sucesso estrondoso dos zoos humanos. É lógico que, dialeticamente, eugenia, darwinismo social e hierarquia racial têm correspondência entre si. E compartilham uma mesma angústia diante da alteridade, angústia que encontra seu exutório<sup>7</sup> na racionalização desigual das “raças”, numa estigmatização comum do “corrompido” e do “indígena”.

### **“Ritos canibalescos” e “barbárie”**

Os “zoos humanos” encontram-se assim na confluência do racismo popular e da objetivação científica da hierarquia racial, ambos frutos da expansão colonial. Índice notável desta confluência, as “exibições etnológicas” do Jardim Zoológico da Aclimação são legitimadas, como vimos, pela Sociedade de Antropologia e pela quase totalidade da comunidade científica francesa. Ainda que entre 1890 e 1900 a Sociedade de Antropologia se torne claramente mais circunspecta quanto ao caráter “científico” desses espetáculos, ela não pode deixar de apreciar o afluxo de populações que lhe permitem aprofundar suas pesquisas sobre a diversidade das “espécies”. A ruptura se dará, finalmente, devido à crescente importância que passam a ter essas diversões

---

<sup>7</sup> Ferida artificial cujo fim é provocar uma supuração permanente. Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1<sup>a</sup>ed. (NT).

apreciadas pelo público e, sobretudo, pelo fato de eles se tornarem cada vez mais populares e burlescos.

É preciso dizer que esses espetáculos — assim como as exibições no Campo de Marte e nas Folies-Bergères — são estruturados a partir de uma representação cada vez mais elaborada da “selvageria”: trajes rídiculos no estilo barroco, danças frenéticas, simulação de “combates sanguinários” ou “ritos canibais”, insistência em programas publicitários sobre a “crueldade”, a “barbárie” e os “costumes desumanos” (sacrifícios humanos, golpes com armas cortantes?).

### **Uma barreira intransponível**

Tudo converge para que, entre 1890 e a primeira guerra mundial, uma imagem particularmente sanguinária do selvagem se imponha. Os “espetáculos” — construídos sem nenhuma preocupação de verdade etnológica, cumpre dizer — remetem, desenvolvem, atualizam e legitimam os estereótipos racistas mais doentios que formam o imaginário sobre o “outro” no momento da conquista colonial. Na realidade, é fundamental destacar que o “fornecimento dos indígenas” segue de perto as conquistas da república ultramarina, recebe o aval (e o apoio) da administração colonial, contribuindo para sustentar explicitamente a empreitada colonial da França.

Os tuaregues, por exemplo, foram exibidos em Paris nos meses que se seguiram à conquista francesa de Tumbuctu, em 1894; também os malgaxes, que apareceram um ano após a ocupação de Madagascar; e finalmente o sucesso das célebres amazonas do reino de Abomey, que se seguiu à comentada derrota de Behanzin para o exército francês no Daomé. A vontade de degradar, humilhar, animalizar o outro — mas também de glorificar a França ultramarina através de um ultranacionalismo que conheceu o auge após a derrota de 1870 — é então plenamente assumida e destacada pela grande imprensa, ao mostrar aos colonizadores “indígenas” exaltados, cruéis, cegos pelo fetichismo e sedentos de sangue. Assim, as diferentes populações exóticas tendem todas a ser mostradas em seu cotidiano pouco atraente: há um fenômeno de uniformização na caricatura do conjunto das “raças” apresentadas, que as torna praticamente indiferenciadas. Entre “eles” e “nós”, há, a partir deste momento, uma barreira intransponível.

### **A animalização do outro**

Os “selvagens” trazidos ao Ocidente são sem dúvida atraentes, mas no entanto despertam um sentimento de medo. Suas ações e movimentos devem ser rigorosamente controlados. São apresentados como absolutamente diferentes e sua incursão européia os obriga a se comportarem como tal, pois lhes é proibido manifestar qualquer sinal de assimilação, de ocidentalização, durante o tempo em que são exibidos. Deste modo, é impossível que eles se misturem aos visitantes, na maior parte das manifestações. Caracterizando-se segundo os estereótipos em vigor, seus trajes são concebidos para parecerem o mais originais possíveis. Os exibidos devem, além disso, permanecer no interior de uma parte especificamente delimitada do espaço da exposição (sob pena de aplicação de multa sobre seus já parcos salários), o que marca a fronteira intangível entre seu mundo e o dos cidadãos que os visitam e os inspecionam. Uma fronteira delimita escrupulosamente a selvageria e a civilização, a natureza e a cultura.

O que mais chama a atenção nesta brutal animalização do outro é a reação do público. Ao longo dos anos de exibições quotidianas, poucos jornalistas, políticos ou cientistas comoveram-se com as condições sanitárias e de abrigo — muitas vezes catastróficas — dos “indígenas”; sem falar nos inúmeros casos de morte (como os ocorridos em 1892, com os índios Kaliña, de Galibi, em Paris<sup>8</sup>) pouco habituados ao clima francês.

### **Imagen invertida da ferocidade colonial?**

Contudo, alguns relatos ressaltam o horror desses espetáculos. Com relação a isso, a atitude do público não é o assunto menos chocante: inúmeros visitantes jogam alimento ou quinquilharias aos grupos expostos, comentando suas fisionomias, comparando-os aos primatas (retomando com isso uma das cantilenas da antropologia física, ansiosa em revelar os “caracteres simiescos” dos indígenas), ou rindo abertamente à visão de uma africana doente e tremendo em sua cabana. Essas descrições — algumas cheias de lacunas — demonstram razoavelmente o sucesso da “racialização latente dos espíritos” contemporânea. Em tal contexto, o império podia crescer com a consciência tranqüila, instituindo a desigualdade jurídica, política e econômica entre europeus e “indígenas”, com base no racismo endêmico, uma vez que na metrópole se encontrava a prova de que fora dela só havia selvagens recém-saídos das trevas.

Evidentemente, os zoos humanos nada revelam sobre as “populações exóticas”. Por outro lado, constituem um instrumento extraordinário de análise das mentalidades do final do século XIX até os anos trinta. Na verdade, zoos, exposições e jardins tinham o objetivo básico de mostrar o raro, o curioso, o estranho, todas as expressões do não habitual e do diferente, por oposição a uma construção racional do mundo, elaborada segundo padrões europeus.<sup>9</sup>

Não seriam essas dissimulações raivosas, afinal, a imagem invertida da ferocidade — esta, bem real — da própria conquista colonial? Não haveria a vontade — deliberada ou inconsciente — de legitimar a brutalidade dos conquistadores por meio da animalização dos conquistados? Nesta animalização, a transgressão dos valores e das normas do que representa para a Europa a civilização constitui um elemento chave.

### **A ambivalência do fascínio**

No domínio do sagrado, a norma sexual é evidentemente a primeira. A poligamia toca, assim, num dos fundamentos sócio-religiosos da família cristã. O fato que os zoos humanos acolham famílias inteiras — com as diferentes esposas do chefe de família — é significativo. Na melhor das hipóteses, o espectador vem contemplar uma coisa bizarra e incompreensível, e na pior, a manifestação de uma lascívia animal,

---

<sup>8</sup> Ler, de Gérard Collomb, “La photographie et son double. Les Kaliña et ‘le droit de regard’ de l’Occident”, in L’Autre et Nous, Éditions Syros-Achac, 1995.

<sup>9</sup> Ler, de Anne McClintock, Imperial Leather. Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest, ed. Routledge, Londres, 1994.

trazendo, na interrogação expressa no olhar, o desejo insaciado de um fantasma que, mesmo no Ocidente, constitui o inverso do proibido.

O tema da sexualidade é particularmente desenvolvido. Para os “negros”, cresce o mito de uma sexualidade bestial, plural. Nesse mito, que abrange considerações físicas (uma grande vitalidade e órgãos genitais considerados superdesenvolvidos, tanto no homem quanto na mulher), cristaliza-se a ambivalência do fascínio por seres que se encontram no limiar entre a animalidade e a humanidade. A própria vitalidade sexual remete a uma vitalidade corporal de conjunto — visível, por exemplo, em inúmeras gravuras dos grandes jornais ilustrados da época, que evocam o combate vigoroso de “tribos” quase nuas diante das tropas coloniais —, provocando um fascínio pelo corpo do “selvagem”. Esse fascínio é o produto da preocupação, vivida no final do século XIX, com a “degeneração biológica” do Ocidente.<sup>10</sup>

No capítulo da transgressão do sagrado, a recorrência ao tema da antropologia é reveladora. No momento em que (final do século XIX) quase nada se sabe a respeito de uma prática social fortemente ritualizada e, de qualquer maneira, extremamente limitada à África subsaariana, as imagens de “selvagens antropófagos” invadem os meios de comunicação e são um dos argumentos que mais contribuem para vender os zoos humanos (até a Exposição Colonial Internacional de 1931 e a presença periférica dos kanak).<sup>11</sup> O canibalismo rompe, na verdade, um tabu importante; a aproximação com o mundo animal torna-se evidente. Com relação a isso, as encenações realizadas nas exposições ou nas salas de espetáculos revelam a força do tema.

### A era da “missão civilizadora”

A partir da exposição universal de 1889 e até o final do período entre as duas guerras vão se multiplicar as exposições, em particular as coloniais. Em sua quase totalidade, são propostos à curiosidade dos visitantes: uma aldeia “negra”, “indochinesa”, “árabe” ou “kanak”. Simultaneamente, essas aldeias “negros” ou senegalesas — sinal de uma evolução semântica muito interessante no período que se seguiu à grande guerra — tornam-se atrações autônomas, itinerantes e perfeitamente instrumentalizadas no interior do país, mas também por toda a Europa e nos Estados Unidos.

As apresentações se sucedem, ano após ano, com quatro ou cinco troupes distintas que percorrem as grandes exposições regionais como Amiens, Angers, Nantes, Reims, Le Mans, Nice, Clermont-Ferrand, Lyon, Lille, Nogent, Orléans? e as grandes cidades (e jardins zoológicos) européias como Hamburgo, Antuérpia, Barcelona, Londres, Berlim ou Milão, onde chegam a afluir de 200.000 a 300.000 visitantes por exibição.

As encenações passam, então, a ser muito mais “etnográficas” e as “aldeias” parecem enfeites fabricados em papelão, dignos das produções hollywoodianas da

---

<sup>10</sup> Ler, de Christian Pociellot e Daniel Denis (org.), *A l'école de l'aventure*, ed. PUS, Voiron, 2000.

<sup>11</sup> Ler, de Didier Dæninckx, *Cannibale*, ed. Gallimard (coleção Folio). e Éditions Verdier, reedição, 1998.

época sobre a África misteriosa<sup>12</sup>. São admirados os produtos típicos e o “artesanato” comercializado (provavelmente uma das primeiríssimas exposições de “arte negra” destinada ao grande público!); formas originais de organização social são progressivamente reconhecidas e geralmente mostradas como traços de um passado que a colonização deve necessariamente abolir. As reconstituições fantasiosas de “danças indígenas” e os episódios históricos famosos são espaçados e acabam sumindo.

Uma outra conjuntura se revela: o “selvagem” volta a ser doce, cooperativo, à semelhança, para dizer a verdade, de um império que quer, às vésperas da primeira guerra mundial, passar a imagem de definitivamente pacificado. Nessa época, os limites territoriais do império são, de fato, traçados. À conquista sucede-se a “missão civilizadora”, discurso que será ardente mente defendido pelas exposições coloniais. O administrador sucede ao militar. No momento em que o tema propriamente racial tende a desaparecer, sob a influência “benéfica” da França das Luzes, da República colonizadora, os “indígenas” voltam a ocupar a base da escala das civilizações. As aldeias negras substituem os zoos humanos. Certamente, o indígena continua sendo um ser inferior, porém “domesticado”, em quem se descobre o potencial de evolução que justifica o gesto imperial.

Esta nova percepção do outro-indígena encontrará sua maior intensidade por ocasião da Exposição Colonial Internacional de Vincennes, em 1931, que, com uma área de centenas de hectares, constitui a mutação mais bem conduzida do zoo humano sob o manto da missão civilizadora, de boa consciência colonial e de apostolado republicano.

---

<sup>12</sup> Nome de uma trupe itinerante apresentada no Jardim Zoológico da Aclimação.